WASHINGTON

São Paulo, ano 2000. Washington, rapaz de quase 18 anos, vai acordar com o som do despertador – irá se levantar, desligar a campainha e voltar a deitar. Alguns minutos depois, vai se levantar novamente e sairá do seu quarto para a cozinha. Depois de um copo d’água, sairá pela sala até a entrada do banheiro - vai tomar banho, já vão ser quase seis e meia da manhã. No final do corredor, alguns ruídos escaparão do quarto de sua mãe. Antes de fechar a porta, Washington irá ver Vital saindo do quarto dela, de cueca, passando em frente ao banheiro onde ele estará e caminhando pela sala. Vital vai caminhar até a cozinha, onde vai se servir de um copo d’água. Vital Brasil é um homem alto, um pouco gordo, de 45 anos. Depois de pegar o copo d’água no filtro, vai pegar uma garrafa de champanhe na geladeira e voltar para o quarto.

Washington chegará atrasado no curso e vai perder a primeira aula. Irá descer ao pátio e comprar uma coca-cola e um cheeseburger na cantina. Após o lanche, vai se deitar numa das mesas que ficam recostadas à parede.

Mais tarde, ao voltar para casa, assim que virar a esquina da Rua Kansas com a Capimirim ele vai ver Mary, sua mãe, saindo do edifício acompanhada de uma jovem.

“Oi, meu filho. Tudo bem? Como foi a aula?”.

“Legal”.

“Bem, eu tenho que correr, nem era pra passar em casa... Olha, essa é a Helena, uma amiga minha que chegou ontem em São Paulo”.

Washington, que quase não vai olhar para a mãe, irá girar os olhos para Helena e ver ela sorrir.

“Acho que eu falei com ele por telefone na semana passada”, Helena vai dizer.

É uma jovem quase da sua idade, 17 anos, um bocado mais baixa que ele. Os dois se cumprimentarão com um beijo no rosto.

“Oi, prazer”.

A mãe vai continuar: “Escuta, eu vou ter que correr para o escritório, ontem aconteceu uma coisa muito importante e agora tem um monte de coisas lá pra eu resolver. Vê se não faz muita bagunça, ‘tá? Talvez eu precise encontrar umas pessoas em casa mais tarde, aí eu ligo pra te avisar”.

Depois do almoço, Washington vai descer ao apartamento de João Batista, vizinho seu, pouco mais de trinta anos, técnico em informática que vai estar em pleno trabalho de configuração de um computador. Washington vai tirar do bolso um pacote com maconha e fumar um baseado com o amigo - depois jogarão videogame por algumas horas no computador – Washington vai se divertir especialmente com *Doom 2*, um jogo que lhe permite usar várias armas para matar vilões e monstros inumanos que surgem pelo caminho. Depois vai subir para jantar – seu apartamento estará vazio quando ele chegar. Vai assistir à programação da televisão enquanto janta, depois verá um filme de ação no vídeo. Já será mais de meia-noite e ele vai ter acabado de se deitar quando sua mãe chegar e for ao seu quarto.

“Tudo bem? Te acordei?... Estudou bastante?”.

“Um pouco”.

“O que foi? Você tá triste?”.

Ela dará um beijo no rosto do filho, depois vai pô-lo no seu colo e acariciar seus cabelos.

“Te contei?”.

“O quê?”.

“O Vital deve ser candidato a vice-prefeito”.

“É mesmo?”.

“É, ele acertou isso ontem num encontro do prefeito com ele e os outros vereadores do partido”.

“Mas isso é melhor que ser vereador?”.

“Não sei... Acho que tem mais poder, né?”.

“Mas ele tem mais chance de perder”.

“Bom, mas foi o que eles combinaram lá no partido... E ele me contou que o que ele quer mesmo é concorrer pra deputado federal e ir pra Brasília daqui a dois anos”.

“Lá é melhor que São Paulo?”.

“Eu nunca fui a Brasília, meu amor. Mas lá é que fica o poder”.

“E você? A gente teria que ir também?”.

“Não sei, não sei se ele vai querer que eu continue trabalhando com ele lá. Pode ser também que eu fique cuidando das coisas por aqui, né?... Você gostaria de morar em Brasília? Você teria que terminar a faculdade aqui antes”.

“Eu prefiro que a gente fique aqui”.

“Bem... Isso só pode acontecer daqui a mais de dois anos, então nem adianta ficar imaginando agora o que pode acontecer amanhã, porque tudo pode ser diferente. Vai ser como tiver que ser”.

Alguns dias depois, Washington estará sentado numa das mesas do pátio do colégio, de pernas estendidas. Helena, depois de pegar uma coca na cantina, vai acender um cigarro e caminhar pelo pátio até chegar junto a ele.

“Tudo bem?”.

“Tudo”.

“Lembra de mim?”.

“Lembro”.

“A sua mão apresentou a gente na semana passada”.

“Eu sei”.

“Ela me falou que você estudava aqui também”.

“É”.

“Você se veste sempre de preto?”.

“É”.

“Todo dia?”.

“Eu curto... por quê?”.

“Sei lá, achei maneiro... é punk, né?”.

“É”.

“Legal... e... você vai tentar o quê?”.

“Como assim?”.

“No vestibular... você vai tentar o quê?”.

“Direito”.

“Legal... Você curte esse negócio de leis, de juiz?”.

“É”.

“É... Você já gosta de se vestir de preto, né?”.

“É”.

“Interessante”.

“E você?”.

“Vou fazer psicologia”.

“Legal”.

“Eu curto isso de, sei lá, querer entender as pessoas, sacou? Entender todas as loucuras, a cabeça das pessoas... Porque, se você for ver, ninguém é normal, todo mundo tem mil loucuras, né?”.

“É verdade”.

“Então”.

A sineta vai tocar, indicando o fim do recreio. Depois de um instante de silêncio entre os dois, em meio à movimentação das pessoas em torno, Washington vai falar:

“Mas você vai estudar aqui na Anhembi-Morumbi?”.

“Vou, vou terminar o segundo grau aqui pra poder fazer uma faculdade”.

“Sabe que a Anhembi tem uma faculdade, né? Não é muito longe daqui”.

“É, eu sei sim”.

“E onde você tá morando?”.

“Tô morando aqui perto”.

“Aqui no bairro mesmo?”.

“É... A sua mãe que me ajudou a arrumar um lugar pra ficar aqui no Brooklin e me trouxe nessa escola”.

“Legal”.

“Tá na hora de subir, né?”.

“É”.

Os dois vão caminhar até a escada e subir para a sala de aula. Enquanto caminharem, Washington vai perguntar:

“Mas de onde você é? Você é gaúcha?”.

“Não.. sou de Santa Catarina, de Videira... Conhece?”.

“Não”.

“Pois é, sou de lá”.

“E você veio com a sua família?”.

“Não, vim sozinha”.

“Sério?”.

“É”.

“Mas você tá sozinha? E teus pais tão te dando uma força?”.

Ela vai encará-lo por um instante, depois virar os olhos e dizer:

“É, mais ou menos”.

“Mas já dá pra você ficar numa boa só com o trabalho?”.

“Mais ou menos... Você nunca conheceu as outras meninas que trabalharam com a sua mãe não?”.

“De vez em quando tem uma ou outra ligando lá pra casa, quase todo mês, mas já faz tempo que eu só falava pelo telefone. Você foi a primeira que eu vi ao vivo faz, sei lá, uns três anos, mais ou menos”.

“Entendi... essa aqui que é minha sala”.

“Então você já tá trabalhando direto aqui em São Paulo, é?”.

“É, mais ou menos... Depois a gente fala mais, tá? Tchau”.

Ela vai lhe dar um beijo curto no rosto e virar as costas.

“Tá”.

Quando estiver chegando em casa, Washington vai ver o carro importado de Vital Brasil, com Luiz, o motorista, do lado de fora, junto ao banco da frente, e Artur, o filho de 15 anos de idade de Vital, sentado no banco de trás, com o rosto na janela. Washington, quando perceber que Artur lhe encara, vai fazer um aceno rápido com a cabeça e em seguida baixar os olhos, enquanto o outro não moverá o rosto. Quando estiver entrando na portaria do prédio, vai encontrar com a mãe, que estará saindo bem vestida e maquiada, ainda que apressada.

“Oi meu filho. A Zefa já foi, mas deixou comida pra você, tá? Eu estou indo com o Vital para uma reunião em Campinas, não sei se a gente volta hoje ou amanhã. Depois eu ligo pra dizer, tá? Qualquer coisa, eu deixei um dinheiro na mesinha da sala, embaixo do vaso”.

Após almoçar, Washington irá até uma pequena vila numa transversal da Santo Amaro, onde vai comprar quatro trouxinhas de maconha. Depois vai passar na locadora, devolver o filme da noite anterior e pegar três outros. Em seguida, irá a uma lanchonete, onde vai comer um cheeseburger com salada e tomar um copo grande de coca-cola. Mais tarde, irá descer ao apartamento de João Batista, onde vai fumar um baseado com o amigo e depois vai usar o computador para entrar numa sala de chat na internet, o que irá ocupar sua atenção por alguns minutos.

Washington vai usar o apelido B@dBoy e, após tentar conversar com alguém na sala, vai começar a trocar ofensas com outros internautas quando começarem a discutir futebol. Após sair da sala de chat e se desconectar da internet, Washington vai jogar videogame. Depois de cerca de duas horas, João Batista vai interromper seu trabalho para se arrumar e ir ao cinema com uma garota - aí Washington voltará para o seu apartamento. Quando chegar lá, ele vai assistir a um dos filmes que pegou, um filme pornô, com atrizes louras de seios grandes, e vai começar a se masturbar poucos minutos depois do filme se iniciar. No final da noite, após ver as novelas durante o jantar e o seriado a seguir, ele vai assistir a um outro filme de ação, com uma história cheia de aventuras, passada em um universo paralelo, com muitas figuras mitológicas, filmada com muitos efeitos especiais.

Na tarde do sábado seguinte, Washington estará no apartamento de João Batista, sozinho no escritório, disputando uma partida no videogame de futebol virtual da FIFA enquanto o amigo estará trabalhando na sala, quando o interfone irá tocar. Depois de atender, João Batista irá ao escritório falar com Washington, que não vai parar de jogar seu videogame enquanto o amigo estiver falando.

“Aí, o porteiro falou que tem uma mina lá embaixo chamada Helena, que tá procurando pela tua mãe ou por você”.

“Entendi. Eu vou descer lá, então”.

“Não, eu já mandei ela subir. Chega aí”.

Washington irá interromper a partida e levantar com rapidez quando João Batista terminar de falar. Vai caminhar pela sala e acabará se sentando no sofá, enquanto o amigo vai abrir a porta e receber Helena, que logo vai sair da porta do elevador, entrar no apartamento e, em seguida a se apresentar a João Batista, vai falar com Washington.

“Oi, desculpa te incomodar... Tudo bem?”.

“Tudo... Você queria falar com a minha mãe?”.

“É, você sabe dela?”.

“Ela ligou hoje cedo dizendo que só volta de Campinas de noite. Falou que quem procurasse ela era pra ligar só amanhã”.

“Entendi. Mas ela deixou algum número de telefone?”.

“Deixou. É assunto de trabalho?”.

“É, mais ou menos”.

“Mas o quê que você quer?”.

“Precisava falar com ela”.

“Ela tem celular, você tem o número?”

“Já, esse eu tenho”.

“O chefe dela também tem, você conhece ele?”.

João Batista vai se intrometer:

“É o Vital Brasil, vereador”.

“Conheço. Eu tenho o celular dela, mas acho que só pega em São Paulo. Você podia me dar o telefone de onde ela tá?”.

“Posso”.

“Então vamos lá?”.

“Você não prefere esperar aqui?”.

“Não, mas você se incomoda se eu for?”.

João Batista dirá:

“Pode esperar aqui, se quiser”.

“Pode ir”.

“Vamos lá. João Batista, vai com a gente?”.

“Não precisa”.

“Vou, vamos lá”.

Os três vão subir para o apartamento de Washington. No elevador, João Batista vai comentar:

“Acho que até hoje eu só fui no teu apartamento uma vez, não é, garoto?”.

“É”.

“Cara, sua mãe deve ter uma impressão péssima de mim”.

“Sei lá”.

“Por quê?”, Helena perguntou.

“Porque foi num dia que o Washington ficou meio mal... e a gente tava bem doido, e ela percebeu, claro”.

“Mas vocês sempre foram vizinhos?”.

“Não. Eu cheguei aqui no prédio tem o quê?... Mês que vem faz dois anos, é, dois anos”.

Eles vão sair do elevador e entrar no apartamento de Washington. Enquanto isso, João Batista vai seguir falando.

“Mas de onde você é? Você é gaúcha?”.

“Não, sou de Santa Catarina, de Videira”.

“Ah, que legal. Lá é lindo, não é?”.

“Você conhece?”.

“Videira não. Só Florianópolis e as praias... A Guarda, Garopaba, a Praia do Rosa”.

“Essa parte eu não conheci. Além de Videira eu só conheci Blumenau, Joinville e as cidades da região... Com licença”, diz ela.

“Entra aí”, vai dizer Washington.

“Com licença”, vai dizer João Batista.

“Peraí, deixa eu pegar o número”.

“Legal essa reforma que ela fez, né?”, vai comentar João Batista, “Acho que você não viu lá na minha casa como é que o apartamento era originalmente. A mãe dele arrebentou a parede que separava o quarto de empregada da área e conseguiu fazer um quatinho maior pra ele”.

“É, eu não vi não”.

“É bom que assim ele fica num canto tranqüilo, depois da cozinha... Lá em casa eu usei o espaço pra fazer meu escritório”.

“Olha, o telefone que ela deixou foi esse aqui”.

Helena irá pegar a agenda que Washington vai lhe entregar, vai apóia-la na mesinha da cozinha e então vai abrir sua bolsa, apanhar caneta e papel e anotar o número.

“Tá bem, obrigada”.

Ela vai fazer um movimento de saída - Washington vai lhe perguntar então:

“Você precisa de mais alguma coisa?”.

“Não, obrigada. Agora eu me arranho”.

“Quer ligar daqui?”.

“Não... Eu só vou ter que falar com ela mais tarde”.

Os três estarão entrando no elevador quando João Batista voltar a falar:

“Você não quer de repente ir com a gente lá pra casa?... Aí você pode ligar de lá, de repente a gente pede uma pizza”.

“Não, obrigada, eu tenho que ir pra casa”.

“... fuma um baseadinho”.

Os três vão trocar olhares: Helena vai observar a reação de Washington, que irá encarar João Batista.

“Você fuma?”, vai perguntar João Batista.

O elevador vai parar e chegar ao andar.

“Às vezes... Mas hoje não dá, foi mal. Fica pra outro dia”.

João Batista vai abrir a porta e, enquanto der um beijo de despedida no rosto de Helena, vai sugerir:

“Tranquilo... Você tá morando aqui perto, não é? Então, outro dia a gente combina de fumar um”.

“Beleza”.

Washington irá segurar a porta e olhar para ela antes de falar.

“Olha, se você precisar, me procura, tá?”.

“Tá, ‘brigada”.

“Pra qualquer coisa... Me liga ou passa aqui”.

“Ok, pode deixar”.

Ela vai encostar seu corpo e abraçá-lo quando for lhe dar um beijo no rosto. Em seguida, eles vão trocar um olhar rápido e ele vai sair do elevador.

Quando ele estiver entrando novamente no apartamento de João Batista, o amigo irá comentar enquanto eles forem pegar copos de refrigerantes na cozinha:

“Que mina linda, hein meu?”.

“É, linda”.

“Pô, muito gostosa... E pareceu ser muito gente-bona. De onde é que ela conhece a tua mãe?”.

“É, sei lá”.

“Você não sabe?”.

“Não... Mas acho que sim”.

“Mas parente ela não deve ser, porque a tua mãe é mineira, né?”.

“É”.

“Será que é da família do teu pai? Não deve ser, né? De onde ele era?”.

“Meu pai era inglês”.

“Sério? Quem era? Era aquele que tinha uma foto com a tua mãe numa mesinha da sala?”.

“Era”.

“Entendi. Quantos anos você tinha quando ele morreu?”.

“Tinha acabado de nascer”.

“Pô... Foi mal. Você fica chateado de falar nisso?”.

“Não, beleza”, Washington vai responder, sem olhar para o amigo.

“E você tem contato com a tua família inglesa?”.

“Não... A minha mãe disse que perdeu, que nunca conheceu eles”.

“Pô, meu, você tem que recuperar isso. Com isso, hoje em dia você podia pedir cidadania européia”.

“É, né?”.

“Claro... Aí podia ir morar na Europa se quisesse. Se bem que você não tem a menor cara de inglês, né?”.

“É”.

“Pô, você tinha que ter saído mais parecido com teu pai. Você não fala inglês não?”.

“Não”.

“Ah, mas estando lá você pega rapidinho... Foi ele que te deu teu nome?”.

“Sei lá, acho que foi”.

“Engraçado que eu pensava que Washington é um nome mais americano... Que não era inglês, entendeu? Porque é o nome da capital dos Estados Unidos”.

“É, eu lembro. De repente foi isso e eu tô confundindo... Eu lembro que minha mãe me disse que achava um nome bonito”.

“É, e foi o nome de um presidente americano também. Mas ninguém deve entender direito... Ficar soletrando pra todo mundo: “dábliu, a, éssi, agá”... Meu, deve ser um saco pra soletrar isso. Fala a verdade, ninguém deve saber escrever direito, não é?”.

“É”.

“Bem... Então parente do teu pai a mina não é”.

Washington não irá responder – ele vai se sentar em frente ao computador e voltar a jogar a partir do ponto em que havia parado.

“E a tua mãe arrumou um trampo pra guria no escritório do vereador?”.

“Sei lá”.

“Onde é o escritório dele?”.

“Na Berrini. Mas a minha mãe não trabalha no escritório dele, ela trabalha num lugar perto da Cardoso de Melo”.

“Onde?”.

“Numa ruazinha lá, eu nunca fui”.

“Mas tua mãe não é tipo secretária do cara?”.

“Mais ou menos, ela é mais particular, é tipo cuidar da agenda dele. Ele tem outra secretária no escritório da Berrini, a Fátima”.

“Saquei. Mas e essa Helena, você conhecia essa mina daonde?”.

“Ela entrou pro cursinho da Anhembi”.

“Saquei”.

“É, tá terminando o segundo grau”.

“E você já trocou uma idéia com ela por lá?”.

“Mais ou menos”.

“Saquei”.

Washington vai se distrair e ser derrotado pelo computador no joguinho – seu personagem vai morrer ao ser atacado pelas costas por um monstro.

“Ahhh”.

Em seguida vai se levantar, despedir-se de João Batista e irá voltar a seu apartamento. Vai chegar, abrir um pacote e comer alguns biscoitos. Depois, irá se sentar em frente à tevê e assistir a um filme pornô.

Em certo momento da madrugada, quando já estiver deitado, sua mãe vai entrar em casa acompanhada de Vital Brasil. Apesar de fazerem pouco barulho na chegada, Vital vai parar de murmurar assim que Mary fechar a porta que separa a cozinha do quarto de Washington, que vai poder escutar a conversa dos dois.

“Mas tá foda. Foi o que eu te falei, agora ninguém sabe pra quem vai sobrar nem quando a poeira vai baixar”.

“Mas e aí? Você acha que resolve logo?”.

“Sei lá, ué! Esse filho da puta não sabe cuidar da própria mulher, aí olha o que acontece. Enquanto essa maluca, essa imbecil estiver falando tudo isso, pode sobrar pra qualquer um”.

“É?”.

“Claro. E agora a eleição vai ser um tremendo salve-se-quem-puder, com um prefeito querendo se reeleger enquanto é denunciado por corrupção pela própria esposa. Isso se não der uma merda maior”.

“Mas você acha que tem motivo pra se preocupar?”.

“Não sei, minha querida. Essa mulher maluca resolveu espalhar lama pra todos os lados. Vamos ver como é que o pessoal vai reagir amanhã com as declarações nos jornais. Se derem crédito a ela... aí eu não sei”.

“Você ainda tá muito tenso, né?”, ela vai dizer, e em seguida vai servir a ele um copo de uísque com gelo: “Esquece isso”.

“Hmm, bom, hoje eu tô precisando de uma massagem mesmo”.

“Vem cá, então”.

Depois de algumas horas, Washington vai se levantar, passar pela cozinha e pela sala e seguir até o banheiro. Dentro dele, poucos minutos depois vai ouvir a porta do quarto de sua mãe se abrindo e a voz de Vital, que de início estará apenas murmurando:

“Só vou te ligar amanhã à tarde, então aproveita pra descansar”.

“Tá, pode deixar”.

“E, olha, lembra que eu vou ficar com meu filho no sábado, vê se marca com essa guria nova”.

“Ok, ela já me ligou hoje”.

“Então toma aqui uma grana pra preparar tudo”, ele vai dizer quando pegar um chumaço de notas no bolso do paletó – “Ela é bonitinha?”.

“É sim, bem bonita, você vai gostar”.

“Que bom. Mas essa aí é pro Artur”.

“Olha só, quem diria?... Vai abrir mão?”.

“É... Você acha que ela tem futuro?”.

“Ah, não sei... Você quer saber na profissão ou na vida?”.

“Nas duas”.

“Na profissão se quiser ela tem, a menina é linda. Agora, na vida... Ela até parece decidida, mas você sabe como é”.

“Mas, se for decidida, a mulher pode até usar a profissão pra dar certo, né?”.

“Ah, mas isso não é pra qualquer uma. Elas ficam todas achando que uma hora vão arrumar um marido rico”.

“Bom, mas você mesma...”.

“Fala baixo, por favor”.

“Desculpa. Mas eu nem ia falar disso, ia dizer que você mesma já me contou de uma guria que você me apresentou e que depois casou com um ricoço francês, lembra?”.

“Ah, mas essa garota você lembra dela, ela era um negócio de bonita, né? E isso de conhecer um gringo é tirar a sorte grande, é uma em um milhão, disso eu sei muito bem”.

“Fala a verdade, se não fosse esse nosso esquema ia ficar ruim pra você, não é, meu amor?”.

“É, Vital, eu sou a amante que você tem vergonha, né?”.

“Não é assim”.

“Ainda fico arrumando menina novinha pra vocês. Melhor que um marido. E você ainda me vem com essa conversa... Obrigado, viu?”.

“Ô, Mary, nem vem”.

“Não, mas tudo bem, você sabe que eu tô brincando. Ia ser pior de outro jeito, né?”.

“... Mas então essa menina nova tem muito futuro pela frente na profissão?”.

“Se ela quiser”.

“E por trás também, né? Tá bem, brincadeira. Mas então, o futuro depois a gente vê”.

“Sei. Você não presta, Vital”.

“É, e é por isso que gostam de mim”, ele irá dizer, antes de dar um beijo de despedida na boca de Mary e, em seguida, sair do apartamento. Ela então vai se servir de um copo d’água e irá voltar para o seu quarto. Somente alguns instantes após ela fechar a porta do quarto é que Washington vai sair do banheiro, em silêncio.

Em certos momentos dos três dias seguintes, segunda, terça e quarta-feira, Washington irá avistar Helena no cursinho, mas, mesmo trocando acenos, não vão se falar. Na quinta-feira, quando ele estiver na fila para comprar um sanduíche na cantina, ela vai se postar atrás. Ele irá cumprimentá-la.

“Tudo bom?”.

“Tudo. Desculpa ter te incomodado no sábado”.

“Que isso, não incomodou não”.

“Ah, que bom”.

Vai chegar a vez dele comprar a ficha de um cheeseburger e uma coca-cola. Ela vai fazer o pedido dela em seguida, e depois vai ter dificuldade em chamar a atenção do balconista quando este estiver preparando o sanduíche de Washington.

“E aí, cê tá morando legal?”.

“Tô, tô sim... Dá pra me virar”.

“Da hora... Cê falou que é aqui perto, né?”.

“É, mais ou menos”.

“Em que rua que é?”.

“Eu tô numa ruazinha chamada Los Angeles, sabe qual é? É uma que cruza a Pensilvânia e a Padre Antônio José dos Santos”.

“Sei, sim. Não é uma que muda de nome?”.

“É, mais ou menos, depois da Padre Antônio tem uma outra rua que se chama Nova Orleans”.

O atendente vai chegar com o sanduíche dele, que vai pegar a comida e continuar a falar.

“Pô, então é aqui do lado, né?”.

“É, é só sair aqui da Nova Iorque e descer dois quarteirões da Pensilvânia”.

“Mais perto que a minha casa”.

“Ah, mas você também mora aqui pertinho”.

“É, mas eu tenho que descer a Nova Iorque inteira até a Kansas, e depois descer a Kansas toda, atravessar a Hípica inteira, até chegar na minha rua”.

O atendente vai chegar com o sanduíche dela.

“Tinha que ter uma Rua Washington, né?”.

“Como assim?”.

“Ah, com esses nomes americanos todos, tinha que ter também uma Rua Washington. Aí você ia poder morar nela”.

“É”.

“Mas agora você tá bem com a sua mãe na Capimirim mesmo, né?”.

“Você vai subir pra sala já?”.

“É, eu preciso pegar umas coisas que estão na minha mochila. Depois a gente se fala. Um beijo”.

“Tchau”.

Quando chegar em casa, Washington vai encontrar sua mãe deitada no sofá, maquiada e bem-vestida como sempre.

“Oi, meu filho. Como foi a aula?”.

“Legal”.

“Gente, me deu um cansaço... Bom, mas eu tenho que levantar e dar um pulo no escritório do Vital. Washington, você me faz um favor? Você pode ligar para o escritório do Vital e dizer para a Fátima que eu vou passar de carro na esquina da Berrini daqui a dez minutos?”.

“Tá bom”.

“Meu filho, você ia ficar chateado se a gente tivesse que se mudar?”.

“Pra onde?”.

“Sei lá, sair de São Paulo”.

“Pra quê?”.

“Não sei. Estão acontecendo alguns problemas com o trabalho do Vital, ele pode não se reeleger no final do ano... E aí eu não sei se eu vou poder continuar trabalhando numa boa com ele no ano que vem... Quer, dizer, claro que eu vou, mas...”.

“Não, por mim numa boa”.

“O importante é que a gente fique bem, né? Mas não se preocupa não, que vai dar tudo certo”.

“Tá”.

Ela vai apanhar a bolsa, tomar um copo d’água e beijar a testa do filho antes de abrir a porta para sair de casa. Mais tarde, ele irá até a casa de João Batista usar a internet. Ele irá entrar numa sala de chat com imagens explícitas de sexo de todas as modalidades, em que acabará trocando mensagens com alguém com o apelido Gata Acompanhante – depois de algumas perguntas sobre localização e preço de serviço, Washington, aliás B@dBoy, vai enviar sem parar mensagens com o texto “puta! puta! puta! puta! puta! puta! puta! puta!” para a tal Gata Acompanhante por alguns minutos, até se cansar, desconectar-se da internet e começar a jogar *Doom 2*.

No dia seguinte Washington vai percorrer praticamente toda a área do colégio, e Helena não estará por lá. Depois da aula, ele vai caminhar pela Padre Antônio José dos Santos até chegar no trecho entre a Los Angeles e a Nova Orleans. Ele irá olhar por alguns minutos para a Los Angeles antes de seguir para casa, caminhando pela Rua Ribeiro do Vale. Depois do almoço, sua mãe vai ligar para avisar que estará viajando e que só voltará no dia seguinte. Ele vai passar a tarde em casa, ora assistindo à televisão, ora deitado sem dormir, no sofá e depois em sua cama. No início da noite, irá comprar trouxinhas de maconha na transversal da Santo Amaro. Depois, seguirá novamente até a Rua Los Angeles,

no ponto entre a Pensilvânia e a Padre Antônio José dos Santos. Depois que lá chegar, não vai ficar mais do que dez minutos até voltar a caminhar em direção à sua casa.

No dia seguinte, quando sua mãe chegar, Washington não vai sair do quarto – ela vai comprovar com o termômetro que ele está com febre. No domingo à noite, quando ele estiver assistindo a um programa de debate esportivo na televisão, sua mãe vai atender a um telefonema de Vital.

“Oi... É, eu soube sim... Mas ficou ruim assim?... Não, não li tudo, mas o porteiro me mostrou... Na tevê, é? Que merda... E isso vai sair amanhã?... Mas deve dar pra dar um jeito, né?... Não, claro, tudo bem. Eu tô em casa, pode vir”.

Vital irá chegar ao apartamento algumas horas depois, cerca de dez da noite. Assim que ele entrar, Mary vai pedir a Washington que vá para o quarto.

“Desculpa, mas o Vital tem que tratar de alguns assuntos de trabalho com a mamãe”.

Assim que Washington fechar a porta da cozinha, os dois vão começar a conversar. O rapaz não vai sair da cozinha, onde poderá escutar a conversa, mesmo que não muito bem.

“E aí, tá tudo bem?”.

“Ah, tudo bem. Eu vou ter que agüentar alguns processos na justiça e uma porrada de jornalistas falando mal de mim por uns dois anos, mas tudo bem. No fim ninguém vai preso nessa porra mesmo”.

“Mas e a eleição, o quê que vocês decidiram?”.

“Eu vou tentar a reeleição pra vereador mesmo. É mais tranquilo agora”.

“E por quê que você resolveu viajar assim?”.

“Eu tenho umas coisas que eu preciso tirar do país”.

“É grana?”.

“Eu tenho que fazer isso logo, pra evitar confusão... Já tá combinado com uns amigos do aeroporto, eu vou sair com meu filho pra Europa, pra França. Lá a gente já pega uma outra passagem pra Suíça”.

“E fica lá até a poeira baixar?”.

“E qualquer coisa, é só uma viagem de alguns dias com o meu filho”.

“Quando você vai?”.

“Depois de amanhã, às sete da manhã”.

“Mas você vai fugir de vez?”.

“Claro que não, minha filha. Você acha que eu sou burro de não voltar pro país?”.

“Mas a gente não vai mais poder manter o nosso esquema, né?... A imprensa pode acabar descobrindo”.

“Não se preocupa não, que vai dar tudo certo. Fica tranqüila, que eu não vou te deixar na pior não. Olha, tem aqui uma grana que deve te garantir por pelo menos dois meses. Eu vou voltar bem antes disso, eu tenho que fazer campanha para a minha reeleição ainda esse ano, meu bem”.

“Tá bom”.

“E outra coisa, eu quero que você procure aquela menina que você apresentou ao Artur anteontem. Pergunta pra ela se ela não quer ir com a gente pra ficar com meu filho, que eu pago tudo, ok?”.

“Só com o teu filho?”.

“Claro, deixa de ser maluca”.

“Mas e se ela não tiver passaporte, Vital?”.

“Me descobre isso amanhã cedo e se precisar pega os documentos dela, que eu tenho uns amigos que resolvem isso até o final do dia”.

“Então tá bom”.

“Diz pra ela que ela vai gostar, eu pago tudo na viagem e também pago como se fosse trabalho”.

“E se o Artur cansar dela?”.

“Eu pago tudo, mesmo quando ele cansar, e mando ela de volta se ele quiser”.

“É, é bom negócio pra ela. De repente no final ela nem volta, fica por lá pela Europa pra tentar arrumar a vida”.

“É... O Artur ficou maluco pela gurria, parece que ela é um negócio”.

“Eu te disse que ela é muito bonita”.

“Maravilha, quero mais é que meu filho se divirta. Avisa pra ela que a gente vai sair de helicóptero lá do prédio da Berrini pra Guarulhos às quatro e meia da madrugada de amanhã pra terça”.

“Tá bem em cima”.

“A gente dá um jeito”.

“Eu levo ela lá, se for o caso”.

“Ótimo”.

Vital vai sair em seguida, e Mary estará telefonando para Helena no momento em que Washington voltar para o seu quarto.

No dia seguinte, Washington não irá encontrar Helena no colégio. À tarde, vai remexer no armário da mãe até achar o envelope com dinheiro – vai tirar de lá pouco menos da metade. Irá em seguida à transversal da Santo Amaro para comprar novas trouxinhas de maconha e fazer um novo pedido: um revólver. Dois dos traficantes locais lhe oferecem esquemas diferentes – um fala de um amigo no Bairro do Limão, outro diz a Washington que pode levá-lo à casa de uns amigos no Campo Limpo. Washington vai aceitar a oferta deste segundo e irá acompanhá-lo até um apartamento de quarto e sala na Rua Fonseca Brasil. Lá, depois de uma espera de quase duas horas, Washington terá que mostrar o dinheiro antes de ver os produtos – e vai comprar a pistola mais barata disponível, uma de calibre 38, já carregada com seis balas.

De volta ao Brooklin, vai caminhar pela Rua Pensilvânia até a Los Angeles, onde vai virar e caminhar lentamente até a Padre Antônio dos Santos. Em seguida, vai caminhar para casa. No caminho, vai comprar um cachorro-quente recheado e uma lata de refrigerante num vendedor ambulante. Lá chegando, vai ouvir o recado de sua mãe na secretária eletrônica: “Washington, sou eu, queria saber como você tá e avisar que vou chegar tarde. Vê se estuda um pouco, tá? Um beijo e durma bem”.

Ele vai assistir à programação da televisão por algumas horas – quase todos os canais já estarão fora do ar quando ele desligar o aparelho. Vai então sair de casa, com a arma no bolso.

Washington irá caminhar pela Rua Kansas até chegar na Avenida Luís Carlos Berrini, por onde vai andar ainda alguns metros até chegar à torre comercial em que fica o escritório de Vital Brasil. Lá, vai entrar e falar com o vigia.

“Boa noite, a minha mãe trabalha com o Vital Brasil e pediu que eu viesse aqui pegar uma coisa com ele”.

“Que coisa?”.

“Uns documentos de trabalho. Ele está aí, não está? Ou esta vindo? Ela me falou que ele estaria aqui, amigo”.

“Como você se chama, garoto?”.

“Wellington”.

“Você tem algum tipo de identificação?”.

“Só minha identidade”.

O vigia vai olhar a identidade por alguns instantes e dizer:

“Tá, vai lá, o escritório dele é no treze... Mas parece que ele ia usar o heliporto lá no terraço. Não sei se ele já está aqui não, mas se não estiver você volta aqui”.

“Tá bem, pode deixar”.

Washington vai subir até o décimo-terceiro andar – não haverá ninguém lá. Ele vai subir então direto para o terraço, que estará vazio, também sem ninguém por perto. Washington vai escolher um lugar para se sentar, próximo às antenas de televisão, e vai ficar remexendo no revólver enquanto esperar. Depois de algum tempo, um helicóptero vai aterrissar na área do heliporto. O piloto vai abrir as portas, sair e dar um giro em torno da máquina, e em seguida voltará a se sentar em sua cadeira, deitando-a um pouco para descansar.

Cerca de meia-hora depois, quando o sol ainda oculto estiver começando a iluminar o céu, vão chegar ao terraço Vital Brasil, seu filho e o motorista Luiz,

que carrega um carrinho com as malas dos dois. Washington vai descer lentamente os dois lances de escada que separam o heliporto da área das antenas de televisão.

“Porra, a Mary ainda não tá aqui? Já tá na hora, caralho! A gente tem que ir embora”, irá dizer Vital.

“Não”, Washington vai dizer, empunhando a arma, alguns instantes antes de sua mãe e Helena abrirem a porta e entrarem no terraço.

“Washington?”, Vital vai dizer.

“A garota não vai”.

“Que porra é essa?”.

“Washington, meu filho, o que você está fazendo?”, sua mãe vai dizer.

Luiz vai começar a caminhar na direção de Washington. Vital vai atrás dele. Washington vai começar a recuar.

“Ela não vai e você não vai levar a tua grana. Pára aí ou eu atiro”.

“Cala a boca, moleque, abaixa essa merda!”, Vital vai dizer.

“Meu filho, por favor”, Mary irá dizer, enquanto começa a correr na direção do filho.

Washington, andando lentamente para trás, só vai olhar para Vital, enquanto Luiz irá se aproximando.

“Washington, deixa de ser louco!”, vai gritar Helena, largando a mochila no chão.

“Larga essa merda, seu filho de uma puta! Larga essa merda que você não tem coragem de usar”, vai dizer Vital Brasil.

Washington vai se encostar no parapeito do terraço. Luiz vai dar um salto e tentar arrancar a arma das mãos de Washington. O revólver vai disparar, acertando o capanga no pescoço. Ele vai cair, e Washington vai abaixar as mãos com a arma. Helena vai gritar e se agachar, protegendo-se atrás da sua mochila.

“Não!”, irá gritar Mary.

Vital vai dar um chute na mão de Washington, tirando a arma dele.

“Pai!”, vai gritar Artur, e irá correr para bater em Washington.

Então Vital vai acertar um soco no rapaz e outro em seguida, fazendo o garoto cair no chão. O piloto do helicóptero vai sair da nave e se afastar da área.

“Pára, Vital!”, dirá Mary, tentando segurá-lo.

Artur, no entanto, não vai parar – vai acertar um chute na boca do rapaz e, apesar de Mary pular sobre ele, um outro chute na barriga. Mary vai tentar pegar a arma, mas Artur vai apanhar antes.

“Larga!”.

A arma vai disparar, e o disparo vai acertar Mary na barriga, um pouco acima da perna direita. Ela vai fazer um movimento zozzo para o lado até se apoiar na gradezinha do parapeito. A grade vai ceder, Mary vai perder o equilíbrio e vai cair do alto dos vinte andares do prédio.

“Mãe!”.

Washington vai avançar sobre Artur e disputar com ele a posse do revólver. Apesar da coronhada que tomará de Vital, Washington vai conseguir derrubar Artur e, com o revólver prensado entre as quatro mãos, ele conseguirá dar um tiro na bochecha do rapaz. A cabeça de Artur vai girar para o lado, enquanto Washington vai apanhar a arma e dar um pulo para trás.

“Artur!”, Vital vai gritar. O garoto vai se debater ainda por alguns instantes e depois parar de se mexer. Vital vai gritar e avançar para cima de Washington.

“Seu filho duma puta, você matou meu filho! Filho da puta! Você vai se fuder, seu merda”.

Washington vai acertar dois tiros à queima-roupa na cara do vereador.

“Filho da puta é você, caralho!”.

Washington vai se desvencilhar do corpo agonizante e, todo sujo de sangue, irá olhar para Helena, que vai começar a chorar. Ele vai abraçá-la e vão se beijar, chorando. O piloto vai aproveitar a distração dos dois para correr até a porta de saída.

“Que barulho foi esse?”, ela irá dizer.

“Foi o barulho da porta. Caralho, a porra do piloto!”.

“Hein?”.

“Vamos, vam’bora logo, nem acredito que ainda não tenha chegado ninguém aqui”.

“Pra onde?”.

“Pra longe daqui, rápido. Me ajuda!”.

Ele vai se levantar e remexer em uma pasta da bagagem de Vital, até conseguir abri-la e ver uma pequena fortuna em notas de dólar. Vai fechar de novo a pasta, caminhar até o corpo de Vital, pegar sua carteira e tirar dela todo o dinheiro guardado. Depois vai pegar a mochila de Helena e botar nas costas.

Os dois vão descer até o terceiro andar de elevador, descendo os últimos andares pela escada. Vão encontrar a saída pela garagem – ao saírem, na porta da frente do prédio já haverá dois seguranças olhando para cima e falando no walkie-talkie com mais alguém sobre a chegada da polícia.

O casal irá caminhar até uma transversal, em que vão conseguir apanhar um táxi, que vai pegar o caminho para a Marginal do Rio Pinheiros, ainda sem muito engarrafamento, até a rodoviária. Lá, os dois vão discutir para onde ir, se para Brasília, para o Rio de Janeiro ou para Salvador. Ao tentarem comprar passagens para Salvador, logo descobrem que não há passagens para lá depois do ônibus das seis da manhã, que terá acabado de partir. Irão resolver comprar então passagens para alguma cidade do interior de São Paulo, de onde poderão seguir para outra capital nos dias seguintes – comprarão então a passagem para Bauru, no ônibus que partirá em dez minutos. Vão entrar no ônibus e sentar-se, carregando junto a eles a maleta de Vital. O ônibus irá tomar seu rumo pontualmente. Vai sair das ruas de São Paulo em poucos minutos, tomando uma estrada ensolarada que parece não ter fim.